



**Solidão e abandono de velhos no conto *Viagem a Petrópolis*,  
de Clarice Lispector**  
*Loneliness and abandonment of old in the tale 'Viagem a Petrópolis',  
by Clarice Lispector*

Luis Marcelo SOARES e SILVA<sup>1</sup>  
Lucas de Melo Sarmento CAMPELO<sup>2</sup>  
Rarity Calado GODOY<sup>3</sup>  
Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo discute sobre o tema do abandono de velhos e, conseqüentemente, de suas vivências de solidão, aspectos estes considerados um tipo de violência e negligência, cometido por parte dos próprios familiares e/ou do meio social a este segmento populacional. Foram realizadas, primeiramente, algumas considerações acerca do conceito de solidão e, em seguida, foram abordadas algumas questões relativas ao Estatuto do Idoso em torno da garantia e proteção dos seus direitos fundamentais. Posteriormente, foi tratada a situação de vulnerabilidade dos velhos – uma realidade não tão incomum nos dias atuais – diante da contemporânea conjuntura familiar e de uma possível frágil rede social de apoio nesta fase da vida. Para incrementar tais reflexões, tomamos o conto ‘Viagem a Petrópolis’, contido na obra intitulada *A Legião Estrangeira* da escritora Clarice Lispector, contemplando, sobretudo, a protagonista Margarida, ou melhor, Mocinha, e a ausência de relações sociais expressivas com as pessoas com as quais convivia.

**Palavras-chave:** Solidão. Abandono de velhos. Estatuto do Idoso. Clarice Lispector.

87

**Abstract:** The current article discusses the topic of the abandonment of the aged and consequently their loneliness of experiences, aspects considered a type of violence and negligence committed by family members and / or social environment in this population segment themselves. Some considerations about the concept of loneliness were held first, and then have addressed some issues related to the Senior Citizen’s Statute around the security and protection of their fundamental rights. Later, it was treated the aged vulnerability - a reality not so unusual these days - on the contemporary family situation and possible fragile social support network at this stage of life. To increase these reflections, we take the tale ‘Viagem a Petrópolis’, contained in the book entitled *A Legião Estrangeira* by the writer Clarice Lispector, looking especially Margarida, the protagonist, or rather, Mocinha - as she herself preferred to be called - and the absence of expressive social relationship with people with whom she coexisted.

**Keywords:** Loneliness. Abandonment of the aged. Senior Citizen’s Statute. Clarice Lispector.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife FAFIRE | E-mail: luismarcelosaores@outlook.com.br

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife FAFIRE | E-mail: lucascampelo87@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife FAFIRE | E-mail: rarity.calado@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora em Psicologia da Faculdade Frassinetti do Recife FAFIRE | E-mail: fernandawandrade@gmail.com

## Introdução

O presente artigo discute sobre o tema do abandono de velhos e da consequente vivência de solidão dos mesmos, aspectos estes considerados um tipo de violência e negligência, cometido por parte dos próprios familiares e/ou do meio social em geral, a este segmento populacional, tomando como ilustração o conto intitulado ‘Viagem a Petrópolis’, contido na obra *A Legião Estrangeira*, da escritora Clarice Lispector.

A solidão, considerada, há até poucas décadas, como um dos piores males na história da sociedade, é empregada para descrever o sentimento vivenciado pelo sujeito quando se sente desamparado, frente à ausência de outros com os quais possa compartilhar e trocar expressivamente as suas experiências, bem como atender às suas demandas físicas e afetivas (GIKOVATE, 1998).

Podendo atingir a todos em qualquer fase de vida, a faixa etária de maior vulnerabilidade, onde se identifica a solidão em dados verticais, é ainda a classe de pessoas que se encontram na velhice. Uma, entre outras razões para tal realidade, conforme apontado por Félix (2001), é o abandono de velhos pelos próprios familiares, negligenciando os seus cuidados básicos, fazendo com que os mesmos fiquem entregues à sua própria sorte.

A Lei nº. 10.741/2003, relativa ao Estatuto do Idoso, postula que o velho não poderá ser objeto de nenhum tipo de negligência, violência, discriminação, opressão ou crueldade e, qualquer atentado aos seus direitos, seja por ação ou omissão, resultará em punição na forma da lei.

Assim, esta produção tem como objetivo principal refletir, a partir do conto referido acima, sobre o abandono vivenciado por Margarida ou Mocinha, como prefere ser chamada – a personagem da escritora Clarice Lispector –, e que, certamente, constitui-se a realidade de muitas idosas nas diferentes esferas, tanto sociais como familiares da nossa sociedade contemporânea.

## A solidão: em busca de uma definição conceitual

Solidão é um “construto teórico complexo” que, apesar de estar associado a outras questões, não pode ser confundido com as mesmas, tais como, isolamento, abandono, incomunicação, clausura, entre outros (FERNANDES, 2007).

É sabido que a solidão se mostra como resultado de múltiplos fatores situacionais e de particularidades que irão variar de sujeito para sujeito, ou seja, o modo como cada um enfrenta as diferentes situações da vida e a forma como lida com as adversidades encontradas no cotidiano, impactando no seu sentimento de estar só e, no fato, de a solidão atingi-lo com maior ou menor intensidade (JONG-GIERVELD, 1989 cit. PAÚL, 1991 *apud* FERNANDES, 2007).

Definir o conceito de solidão é um verdadeiro desafio. São várias as áreas do conhecimento que buscam definir este conceito, tomando, cada uma delas, aspectos diferentes

neste cenário de reflexão. Segundo definição do dicionário Aurélio (1993), por exemplo, a palavra solidão é o estado de quem se acha ou vive só. Para a filosofia, a questão da solidão é compreendida em termos filogenéticos, congregados à existência humana e como resultado da mesma. Já a psicologia social compreende que a solidão é uma reação emocional de descontentamento decorrente de ausência de relações expressivas, a qual são abrangidos algum tipo de afastamento (ÁVILA, s/d).

Para a sociologia, a solidão é entendida como resultado da produção social do “indivíduo ego centrado e individualista” que, ao firmar sua individualidade, assegura também a fragmentação do universo social e o seu isolamento. Nessa perspectiva psicossocial, a definição para a solidão está ligada ao conceito do eu, isto é, à aceitação moderna de indivíduo como um ser autônomo e distinto dos outros, onde tal fundamento se sustenta a partir do momento que se observa o fato de o sentimento individual, ou “identidade-eu”, passar a ser incorporado e valorizado pelo sujeito, em detrimento de se cultivar o sentimento de coletividade ou “identidade-nós”. Deste modo, há uma ruptura de equilíbrio em termos de compreensão “nós-eu” que compõe as identidades do sujeito. Assim sendo, a solidão se caracteriza, portanto, como decorrência da sociedade individualista (ELIAS, 1994 apud LIMA, 2001).

Na psicanálise, Gomes (2001) assinala que a palavra ‘solidão’ propriamente dita não aparece com frequência nas Obras freudianas, dando Freud preferência ao termo ‘isolamento’ para designar os estados psíquicos que são ora equivalentes ao retraimento social espontâneo, ora ao próprio termo solidão, considerando-a como um mecanismo de defesa. Logo, tendo como alicerce a compreensão de solidão como mecanismo defensivo, a psicanálise vai situar duas direções para o desenvolvimento da solidão, que são: “a solidão como defesa neurótica”, onde poderá aparecer tanto na neurose do tipo obsessivo quanto na fobia, alcançando assim seu ponto máximo na psicose, e “a solidão como sublimação” (FENICHEL, 1981 apud idem, 2001).

Em *Mal-estar na civilização* (1930), Freud fala do “isolamento”, em busca de uma felicidade de quietude, na tentativa de fugir das dificuldades e tensões inerentes ao relacionamento social, que se caracteriza como uma das três fontes de sofrimento do ser humano.

Outra vertente tomada para a definição da solidão, segundo aponta Gikovate (1998), é que a solidão consiste na aceitação do nosso Eu, ou seja, na consciência que o sujeito precisa ter no sentido de buscar dentro de si meios para atenuar e aprender a conviver com suas próprias dores, sem se agarrar desesperadamente a outras pessoas, construindo seus interesses e projetos pessoais. Desse modo, o autor referido acima fala:

A solidão é estar só, é não estar compartilhando a vida com ninguém; não é viver isolado, sem pessoas ao redor, é ter projetos individuais e não considerar os relacionamentos interpessoais como nossa tábua de salvação. É se governar pela ideia de que são limitadas as possibilidades de ajuda que poderemos receber de outras pessoas. [...] solidão é a nossa condição de indivíduo levada às últimas consequências (idem, 1998, p. 189).

Portanto, para alguns autores, a solidão não é pautada em uma relação estreita com o surgimento de sentimentos de desamparo e desespero, os quais, certamente, por vezes, acompanham a vida de qualquer sujeito. Deste modo, assinalam para uma diferença considerável entre a solidão e a capacidade de estar só, estando esta última implicada com uma vida saudável e criativa.

Podemos observar, por conseguinte, a partir do que foi dito até então, que há inúmeras definições para solidão, não havendo uma unanimidade entre os teóricos em relação a este conceito. Além disso, o termo ‘solidão’ tem se apresentado como resultado de significado intuitivo para grande parte das pessoas (NETO, 1992 *apud* TEIXEIRA, 2010).

### **Solidão em velhos: uma realidade não tão incomum**

Estudos comprovam que “a partir de 65 anos de idade, quase 40% desta população passa mais de 8 horas por dia sem companhia, em alguns casos sem ninguém que cuide, sobretudo em situações de dependência ou falta de autonomia” (FÉLIX, 2011, s/p.).

Alguns estudos assinalam, ainda, que a solidão em velhos, exceto em alguns casos pontuais, fica mais evidente quando compreendida a partir de alguns fatores ao qual este segmento populacional está submetido, como, por exemplo, falta de apoio e valorização familiar e/ou social, aposentadoria, perda de familiares, etc., promovendo uma maior vulnerabilidade ao isolamento, podendo, portanto, se transformar em solidão patológica. (FERNANDES, 2007).

Quanto à compreensão da solidão em velhos a partir de estudos sociológicos, Ussel (2001 *apud* FERNANDES, 2007) discute que é necessário que se ressalte que tanto o trabalho como a família são eixos de importância significativa para o aprofundamento de tal questão. Portanto, “qualquer alteração que ocorra nestes dois eixos é suscetível do aparecimento de diversos problemas, quer de âmbito instrumental ou emocional, entre os quais se devem incluir o sentimento subjetivo de solidão” (idem, 2007, s/p.).

Desta forma, faz-se imprescindível refletir sobre estes dois eixos. No que tange ao eixo familiar, nas atuais conjunturas familiares, o fato de a mulher estar, cada vez mais, inserida no mercado de trabalho muda os aspectos dos cuidados básicos destinados, sobretudo, aos filhos pequenos e aos velhos. Se, anteriormente, era a mulher a principal representante da promoção dos cuidados fundamentais no lar, a quem mais cabe, agora, tais responsabilidades? Multiplicam-se as preocupações em torno da criação e implantação de serviços e instituições que se constituam em redes de atenção a estes segmentos populacionais mais vulneráveis, bem como em torno da necessidade de uma maior reflexão sobre valores humanos e coletivos que contemplem a compaixão, solidariedade e respeito à diversidade, etc. Somado a tais questões, surge o fato de que é na velhice de alguns de seus membros que todo o contexto familiar testa os laços simbólicos construídos ao longo da vida entre eles, no sentido de se confrontarem (ou não) com a disponibilidade de cuidar daqueles que um dia exerceram os cuidados primários em relação

aos mais jovens, reafirmando uma espécie de dívida simbólica destes últimos com os primeiros, por tê-los inserido em um campo de filiação, assegurada a sua sobrevivência e promovida a sua constituição subjetiva (JERUSALINSKY, 2001).

No que diz respeito ao trabalho, é na velhice que se anuncia o processo de aposentadoria. É sabido que é no cenário laboral que o sujeito adquire o seu sustento financeiro; cria uma identidade pessoal e profissional; tem a possibilidade de sublimar as suas pulsões sexuais e destrutivas; e constrói uma rica rede social (FREUD, 1930). Quando vem a aposentadoria, podemos, portanto, correr o risco de perdermos os nossos referenciais simbólicos de prestígio social, de senso de utilidade e produtividade e de fazer parte de uma significativa rede social, lançando-nos em um cenário de menos valia, quando nos faltam outros projetos e investimentos de vida (PEIXOTO, 2004).

Portanto, devemos observar com atenção as alterações na forma de viver daqueles que envelhecem, tomando como pontos importantes para reflexão a família e o trabalho, alterações essas que podem levá-los a situações dramáticas de solidão. A questão da solidão paralela ao abandono sofrido por velhos pelos seus familiares e/ou rede social são fatores que vêm se manifestando na sociedade de modo banal, fato este que está intimamente ligado ao conceito capitalista da sociedade, na qual, "o que não serve deixa-se fora" (CORREIA, 1993 *apud* BARROSO & TAPADINHAS, 2008, p. 02).

### **Abandono de velhos e o Estatuto do Idoso**

A criação de políticas públicas de atenção voltada ao idoso tem se caracterizado motivo de preocupação em diversos países apenas nos últimos anos. A 'carta de Viena', elaborada após a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, promovido pela ONU em 1982, contou com mais de 100 assinaturas de países preocupados com a causa – incluindo o Brasil (NOVAES, 1995).

Em 1970, o Brasil começou a pensar em meios para que fossem instituídas, em território nacional, políticas públicas, em formas de leis, que garantissem ao idoso maior autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Entretanto, só em 1994 que, no momento, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso (FHC), após aprovação no Congresso Nacional, sancionou a Lei nº 8.842, em 4 de janeiro do mesmo ano, decretando, assim, a criação da Política Nacional do Idoso (PNI) (LIMA, 2001).

Atualmente, segundo dados da Secretaria de Direitos Humanos (SDH), a Lei que designa o Estatuto do Idoso é a de nº 10.741/2003. Nela estão contidas algumas informações acerca dos direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, entre as quais são: a obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público de assegurar à pessoa idosa, sobre absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência em família e comunitária (Art. 3).

Com relação à compreensão de violência contra o idoso, no Art. 19 (primeiro parágrafo) desta mesma Lei, temos que este tipo de violência implicaria em qualquer ação ou

omissão praticada em local público ou privada que lhe cause morte, dano ou sofrimento físico ou psicológico.

No que se refere aos casos de violência e abandono, esta Lei também postula que o idoso não poderá ser objeto de nenhum tipo de negligência, violência, discriminação, opressão ou crueldade e, qualquer atentado aos seus direitos, seja por ação ou omissão, resultará em punição na forma da Lei.

Certamente, a criação/implantação do Estatuto do Idoso é um marco importante para assegurar os direitos da pessoa velha. Entretanto, resta a pergunta: Por que foi preciso a elaboração de um Estatuto para assegurar os direitos destas pessoas, o que deveria ocorrer naturalmente?

### **A solidão e o abandono de velhos ilustrado em *Viagem a Petrópolis***

A personagem, logo no início da narrativa, é descrita como tendo um corpo pequeno, escuro; embora, em algum momento de sua vida, certamente, quando mais jovem, tivesse sido alta e clara. Para Mercadante (2003), é através do declínio do corpo e das mudanças sofridas em sua aparência que as pessoas se dão conta que envelheceram. Entretanto, a decadência e a finitude são aspectos comuns, muitas vezes, mais marcadamente percebidos pelo Outro do que pelo próprio sujeito que envelhece (GOLDFARD, 1998, *apud* DELALIBERA, 2005). Assim, quando o velho se depara com o espelho,

o que este lhe devolve é uma imagem ligada a uma deterioração, uma imagem com a qual ele não se identifica. Não há júbilo nem alegria, há apenas estranheza, e ele pensa: “esse não sou eu”. Uma discrepância entre imagem inconsciente do corpo e a imagem que o espelho lhe devolve (*idem*, 2005, s/p.).

Portanto, o confronto com a imagem do corpo, seja ela em que condições se apresentem – corpos de crianças, adolescentes, jovens, adultos ou velhos – ocupará uma parcela fundamental na vida de qualquer sujeito, colocando-lhe questões importantes em sua existência, tais como, consciência de suas limitações corporais, bem como a finitude (*idem*, 2003).

No que se refere às relações familiares e afetivas vivenciadas pela personagem na história, Mocinha é apontada, pela família que a “acolheu” (se é que podemos falar de acolhimento propriamente dito), como sendo algo engraçado – por tratar-se “de uma velha misteriosa” – porém, sem grande importância; só não passava completamente despercebida, exatamente, por suas esquisitices. Embora estas colocações equivocadas e, na sua grande maioria, pejorativas ofereçam uma imagem caricatural do idoso, “é em cima dessas classificações sociais do belo e da feiura, do bom e do mau, do normal e do patológico que se pode perceber como nossa sociedade elabora uma representação de velhice negativa e estigmatizada” (BARROS 2001 *apud* Peixoto 2004, p. 17-18).

Ao tratar da história cotidiana da personagem principal, em paralelo, da família que a “acolheu”, Clarice Lispector descreve em seu conto que a vida da personagem

corria sem atropelos, ou seja, livre de quaisquer tipos de acontecimentos significativos, enquanto que a da família se caracterizava como sendo típica da sociedade moderna; sempre corrida, agitada, cheia de novidade, sem tempo a perder, etc. Não percebiam as reais necessidades daquela que lá, nos fundos da casa, morava, sem destiná-la grandes investimentos instrumentais e afetivos. Goldfarb (1998) pontua que valores sociais tidos como tradicionais vão saindo de cena “em favor de uma sociedade individualista onde o velho, por não ser reprodutor de vida nem produtor de riqueza, nada vale; o valor social da velhice passa então a ser associado à inutilidade e decrepitude” (p. 11).

Todavia, mesmo se tratando de uma pessoa sozinha no mundo e sem um local adequado para ficar, a insignificância da protagonista da história passou a incomodar aquele âmbito familiar, precisando ser banida. Talvez, a velhice da personagem e tudo o que ela poderia representar se tornaram insuportáveis. E, a partir da submissão de Mocinha para com aqueles que ainda lhe ofereciam alguma ajuda, sem questioná-la, decidem levá-la para morar com Arnaldo (um dos personagens da história) e sua esposa, de origem alemã, em Petrópolis.

Diante da imposição da família sobre o destino de Mocinha, que a queria bem longe, a figura do velho no conto se fragiliza, encarnando o aspecto de sua mortificação na função social e, logo, a incapacidade de autogestão. Desse modo, se compreende que o velho,

ao perder o seu valor social perde seu valor simbólico positivo. Passa assim a ocupar um lugar marginalizado da existência humana, transforma-se numa espécie de sujeito em “suspensão”, sujeito sem projetos. Sem futuro, será então sujeitado pelo passado, que na forma de uma reminiscência repetitiva, produzirá um discurso que perderá significação social se ninguém o escutar. É assim lançado a uma vida sem sentido, sem futuro, numa violenta marginalização do circuito do desejo. Então precisa ser isolado, escondido, para que os mais jovens não tenham que ver neles seu próprio futuro de carência de recursos, de saúde, de força e poder (GOLD-FARB, 1998, p. 14).

É importante destacar que desde a metade do séc. XIX a velhice vem sendo abordada como uma fase da vida caracterizada prioritariamente pelo declínio físico e, principalmente, pela ausência de papéis sociais. O progresso da idade é visto como um processo ininterrupto de perdas e de dependência, sendo responsável por um conjunto de representações contraproducentes agregadas à velhice (DEBERT, 2004). Além disso, Mercadante (2003) assinala, para outro tipo de representação negativa sobre esse velho: ser velho é, portanto, ser doente.

Assim, no caminho de ida para Petrópolis, as questões subjetivas vividas por Mocinha não eram vistas pelos outros passageiros do veículo. O desconforto dela, se é que era percebido por eles, era atribuído apenas ao balanço e ao solavanco do carro, podendo lhe causar enjoos.

Mocinha sentou-se junto da janela do carro, um pouco apertada pelas duas irmãs acomodadas no mesmo banco. Nada dizia, sorria. Mas quando o automóvel deu a primeira arrancada, jogando-a para trás, sentiu dor no peito. Não era só por alegria, era um dilaceramento. O rapaz virou-se para trás: - Não vá enjoar vovó. (LISPECTOR, 1982, p. 67).

Quando Mocinha, enfim, chega a Petrópolis, logo a velha é, então, submetida a novas ordens. Arnaldo, ao se deparar com a velha, decide não querer hospedá-la, e segue, através de diversos gestos, inclusive repetições da mesma frase “não tem lugar, não”, de modo que a velha entenda rapidamente que ali não era seu lugar, e que o melhor que ela tem a fazer é voltar pra onde veio, pois, a sua casa não era um asilo. De que lugar Arnaldo estava falando?

Sem lugar e sem cuidados prioritários e investimentos afetivos, qualquer pessoa e, sobretudo, a pessoa idosa se encontra em uma situação de extrema vulnerabilidade. Perde seus referenciais que podem balizar quem ela é, bem como assegurar a sua sobrevivência. Sobre as questões referentes ao cuidado à pessoa velha em casa,

são sempre mais complexas e de grande importância. A compreensão da pessoa idosa como pessoa única que está inserida em um contexto familiar e social com o qual mantém contato de forma continuada deve ser sempre levada em consideração quando o cuidado é domiciliar. Deve-se levar em consideração a autonomia, a independência do idoso, assim como, sua capacidade para o desempenho de atividades rotineiras e sua vontade de ficar em determinado espaço, quando este ainda tem lucidez para isso (FIGUEIREDO; MOSER, 2013, p. 6).

Ainda sobre os cuidados com a pessoa velha, os mesmos autores pontuam que seja ele em casa de parentes, ou na própria casa do velho. No mundo contemporâneo, a demanda do cuidado deve ser vista como uma questão de saúde e assistência, “produzindo uma revalorização do ambiente familiar, onde o bem-estar da pessoa cuidada é, a priori, o principal objetivo das políticas públicas e da família” (p. 6).

Portanto,

Deve-se levar em consideração a autonomia, a independência do idoso, assim como, sua capacidade para o desempenho de atividades rotineiras e sua vontade de ficar em determinado espaço, quando este ainda tem lucidez para isso. Atualmente rompeu-se com essa visão de isolamento. Hoje o cuidado é visto como uma questão de saúde e assistência produzindo uma revalorização do ambiente familiar, onde o bem-estar da pessoa cuidada é a priori o principal objetivo das políticas públicas e da família. (FIGUEIREDO E MOSER, 2013, p. 6).

Mocinha, então, partiu com o dinheiro que Arnaldo a ofereceu. E em vez de se dirigir à estação para voltar ao Rio, comprometida em sua lucidez, ela saiu caminhando em direção à estrada “para passear um pouco”, sem um prumo certo, e, numa árvore, ao se encostar, acaba por se deixar morrer.



Vale assinalar que a morte biológica apenas ratificou uma morte bem anterior que Mocinha já vivenciava: a psicossocial. Compreendendo, aqui, como morte psicossocial o fato de ela não ter uma existência significativa para alguém, retroalimentando a sua identidade, a partir de ricas trocas afetivas, além de ela estar à margem do circuito produtivo do sistema socioeconômico, não tendo, inclusive, os seus direitos básicos assegurados pelo Estado. Portanto, sem referências familiares e sociais, decorrentes do abandono e da solidão, ninguém, mesmo, pode existir, assinalando, aqui, que, ao falarmos da existência humana, tratamos não meramente da dimensão biológica, mas, também, da psicossocial.

### Considerações finais

Referendando-se no conto intitulado ‘Viagem a Petrópolis’ presente no livro ‘*A Legião Estrangeira*’, da escritora Clarice Lispector, esse artigo discutiu algumas questões atuais enfrentadas por alguns velhos, no cenário da solidão e abandono, cenário este considerado um tipo de violência e negligência a que estas pessoas podem estar sendo submetidas. O conto narra um recorte da história de Margarida, ou melhor, Mocinha – como preferia ser chamada –, protagonista que representa na ficção a imagem do(a) velho(a) solitário(a) e desprezado(a) pelo seu próprio contexto sociofamiliar.

Não muito distante da literatura, retratada por Lispector em seu conto, é inadmissível que no mundo Ocidental contemporâneo o velho ainda permaneça sendo alvo desse tipo de agressão. Seja através do mundo capitalista, dos meios de comunicação, ou mesmo dentro de seus próprios lares e/ou nos seus “círculos sociais” – se é que ainda os possuem –, entendemos que esse tipo de abuso seja resultado de uma soma de ideais baseados, na maioria das vezes, numa cultura/sociedade individualista, exclusiva e tirana, na qual o que prevalece é o culto ao jovem, ao novo, ao criativo, ao belo, etc., excluindo, desse modo, tudo ou todos que se caracterizam ao avesso dessas qualidades e atributos.

Todavia, entendemos ser preciso que a sociedade contemporânea reflita e adote nova forma de olhar para o velho que se apresenta hoje, ou seja, veja-o sem os estigmas e tenha uma melhor compreensão do mesmo como um sujeito singular, dotado de direitos e deveres, como todo e qualquer indivíduo, possuidor de ricas experiências e aberto a desenvolver ainda novas possibilidades e potencialidades.

Portanto, ao longo da discussão dessas questões podemos verificar que tal temática deve ser encarada com coragem, seriedade e determinação pela sociedade em geral, visto que o impacto do abandono e da solidão dos idosos não atinge apenas às pessoas que se encontram nesta faixa etária, mas corrói e destrói toda a tessitura do tecido social.

### Referências

AVILA, Renato Nogueira Perez. Um estudo da solidão humana e sua explicação nas ciências psíquicas e na teologia: um estudo comparativo. **Psicologia: Revista Eletrônica**

- Saber**, v. 14, n. 1, out./dez. 2011. Disponível em: <[https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_15\\_1320095675.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_15_1320095675.pdf)> Acesso em: 27 nov. 2015.
- BARROSO, Vera Lisa; TAPADINHAS, Ana Rosa. **Órfãos geriatras**: sentimentos de solidão e depressividade face ao envelhecimento. Estudos comparativos entre idosos institucionalizados e não institucionalizados. Artigo baseado na Monografia de Licenciatura da autora, “Órfãos Geriatras”, orientada pela Dra. Ana Rosa Tapadinhas (ISPA, 2006). Disponível em: <<http://www.iscet.pt/sites/default/files/obsolidao/Artigos/Orf%C3%A3os%20Geriatras.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2016.
- BRASIL. Lei nº **10.741/2003 de 1º de outubro de 2003**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/2003/l10.741.htm)> Acesso em: 28 nov. 2015.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 2004.
- FÉLIX, Célia. **A solidão numa perspectiva psicológica e social**. Disponível em: <<http://www.psicologia4u.com/a-solidao-numa-perspectiva-psicologica-e-social/>> Acesso em: 29 nov. 2015.
- FERNANDES, Helder Jaime. **Solidão em idosos do meio rural do concelho de Bragança**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Idoso) - Universidade Porto. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2668/1/Solidao%20em%20idosos%20do%20meio%20rural%20do%20concelho%20de%20Braganca.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FIGUEIREDO, T.E. ; MOSER, T. Envelhecimento e família: reflexões sobre a responsabilização familiar, os desafios às políticas sociais e regulamentação. In: CONGRESSO CATARINENSE DE ASSISTENTES SOCIAIS, 1. Florianópolis, 2013. **Anais...** Florianópolis, 2013.
- FREITAS, Patrícia da Conceição Barbosa de. **Solidão em idosos**: percepção em função da rede social. II Ciclo em Gerontologia Aplicada. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional de Braga. Faculdade de Ciências Sociais. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8364/1/SOLID%C3%83O%20EM%20IDOSOS.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2016.
- GIKOVATE, Flávio. **Ensaio sobre o amor e a solidão**. São Paulo: Ed. MG Editores Associados, 1998.
- GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. **Solidão**: uma abordagem interdisciplinar pela ótica da teologia bíblica reformada. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_VI\\_\\_2001\\_/Maspoli.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantedora/CPAJ/revista/VOLUME_VI__2001_/Maspoli.pdf)> Acesso em: 03 jan. 2016, p. 2-9.
- JERUSALINSKY, A. psicologia do envelhecimento. Associação psicanalítica de Curitiba. **Revista Envelhecimento: Uma Perspectiva Psicanalítica**, v. 1, n. 5, p. 11-26, dez, 2001.
- LIMA, Júlia Coutinho Costa. Solidão e contemporaneidade no contexto das classes trabalhadoras. **Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília**, v. 21, n. 4, p. 52-65, dez. 2001.
- LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.
- MERCADANTE, Elizabeth F. Velhice: a identidade estigmatizada: velhice e envelhecimento. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, a. 24, n. 75, (Especial), 2003.

NETO, Felix. Avaliação da solidão. **Psicologia Clínica**, 2, 65-69. Disponível em: <[http://www.iscet.pt/sites/default/files/obsolidao/Avaliacao\\_Solidao\\_Felix\\_Neto.pdf](http://www.iscet.pt/sites/default/files/obsolidao/Avaliacao_Solidao_Felix_Neto.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2015, p. 1-4.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da terceira idade**: conquistas possíveis e rupturas necessárias. Rio Janeiro: Ed. Grypho, 1995.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TEIXEIRA, Líliliana Márcia Fernandes. **Solidão, depressão e qualidade de vida em idosos**: um estudo avaliativo exploratório e implementação-piloto de um programa de intervenção. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) - Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia: 2010. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2608/1/ulfp037460\\_tm\\_tese.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2608/1/ulfp037460_tm_tese.pdf)>. Acesso em: 02 jan. 2016. **Secção de Psicologia Clínica e da Saúde**. Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença, 2010. p. 3-7.

---

Recebido em: 08.08.2016

Aprovado em: 02.11.2016

**Para referenciar este texto:**

SOARES E SILVA, Luis Marcelo *et al.* Solidão e abandono de velhos no conto Viagem a Petrópolis, de Clarice Lispector. **Lumen**, Recife, v. 26, n. 2, p. 87-97, jul./dez. 2017.